

Faculdade de São Bento
Bacharelado em Filosofia

LUCAS CHAGAS DE SOUZA

O conceito de pessoa segundo Boécio

SÃO PAULO

2018

Faculdade de São Bento
Bacharelado em Filosofia

LUCAS CHAGAS DE SOUZA

O conceito de pessoa segundo Boécio

Monografia apresentada no Curso de Filosofia da Faculdade de São Bento de São Paulo como exigência para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Monticelli

SÃO PAULO

2018

Faculdade de São Bento

LUCAS CHAGAS DE SOUZA

O conceito de pessoa segundo Boécio

Monografia apresentada à Faculdade de São Bento,
como parte dos requisitos para obtenção do título de
bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Monticelli

Aprovado com média: 8

São Paulo, 21 de dezembro de 2018

Banca examinadora:

Prof. Dr. Pedro Monticelli

Profa. Dra. Maria Alejandra Caporale Madi

Prof. Dr. Marco Antonio Chabbouh Junior

Aos meus pais, Ednaldo e Eliana, à
minha família e aos meus amigos.

Agradecimentos

À Faculdade de São Bento, em São Paulo, pelos excelentes professores e funcionários e pelo ótimo curso de Filosofia que me foi oferecido durante esses três anos de graduação.

Ao professor e doutor Pedro Monticelli, por ter me orientado em minhas pesquisas para esta monografia e, também, por toda sua dedicação para com o curso de Filosofia em si.

À Comunidade São Jorge e Nossa Senhora das Graças, da Paróquia Nossa Senhora do Paraíso em Santo André – SP, que sempre foi e sempre será a base de minha educação cristã, fora de casa.

Aos meus familiares, por sempre me apoiarem em meus estudos e em minha caminhada de vida pessoal.

Aos meus amigos, pela amizade de longas datas e por caminharem juntamente comigo em boa parte da minha vida como estudante.

À Virgem Maria, por sempre interceder por nós junto a Deus.

E, por último, mas não menos importante, agradeço a Deus pelo dom da minha vida e por toda graça que Ele me tem concedido até hoje.

Resumo

De acordo com o pensamento de Boécio, pessoa é uma substância individual de natureza racional. Este mesmo conceito, quando, de certo modo, aplicado a Jesus Cristo leva-nos a refletir mais detalhadamente sobre tal definição de pessoa, pois em Cristo há duas naturezas, mas trata-se apenas de uma pessoa. Se tal assunto não for tratado cuidadosamente, e filosoficamente, podemos cair no erro das heresias, como costuma-se dizer. Podemos cair no erro de dizer que Cristo tem apenas uma única natureza - tendo em vista de que cada natureza admite apenas uma única pessoa -, mas Cristo possui, na verdade, duas naturezas (a divina e a humana); ou então podemos cair no erro de dizer que Jesus, além de possuir duas naturezas, possui também duas pessoas, o que não é correto afirmar. A hipótese mais acertada a respeito deste assunto é dizer que Jesus Cristo é apenas uma única pessoa (substância individual de natureza racional), mas que possui duas naturezas, a divina e a humana, sendo a humana uma natureza assumida por ele em sua encarnação. Se Cristo é pessoa, ele também é uma hipóstase, pois ambos os conceitos tem uma estrita ligação entre si, cuja a qual veremos no decorrer desta monografia.

Palavras-chave: Jesus; Cristo; pessoa; hipóstase; substância; individual; natureza; racional.

Abstract

According to Boethius' thought, a person is an individual substance of a rational nature. This same concept, when in a certain way applied to Jesus Christ leads us to reflect in more detail on that definition of person, because in Christ there are two natures, but it is only a person. If such a matter is not carefully treated, and philosophically, we may fall into the error of heresies, as they say. We may fall into the error of saying that Christ has only one nature - in view of the fact that each nature admits only one person -, but Christ actually has two natures (the divine and the human); or else we may fall into the error of saying that Jesus, besides having two natures, also possesses two persons, which is not correct to affirm. The most correct hypothesis on this subject is to say that Jesus Christ is only one person (individual substance of a rational nature), but that he possesses two natures, the divine and the human, the human being being a nature assumed by him in his incarnation. If Christ is a person, he is also a hypostasis, since both concepts have a strict connection with each other, which we will see in the course of this monograph.

Keywords: Jesus; Christ; person; hypostasis; substance; individual; nature; rational.

Lista de abreviações e siglas

ST *Suma Teológica*

Sumário

Folha de aprovação.....	3
Dedicatória.....	4
Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Abstract.....	7
Lista de abreviações e siglas.....	8
Sumário.....	9
Introdução.....	10
Capítulo 1 – Aspectos filosóficos em relação à definição do conceito de pessoa.....	13
1.1 Natureza.....	13
1.2 Pessoa.....	15
1.3 Elementos e implicações referentes à definição do conceito de pessoa.....	17
Capítulo 2 – O conceito de pessoa em Jesus Cristo.....	20
2.1 A doutrina da União Hipostática.....	20
2.2 As duas naturezas de Cristo (divina e humana).....	21
2.3 Heresias acerca das duas naturezas em Cristo.....	23
Capítulo 3 – Hipóstase.....	28
3.1 O que é uma hipóstase.....	28
3.2 A ligação que há entre o conceito de pessoa e o conceito de hipóstase.....	30
3.3 Cristo é uma pessoa e uma hipóstase.....	32
Considerações finais.....	35
Referências bibliográficas.....	37

Introdução

Em toda história da filosofia muitos autores foram e ainda são estudados, pois, em seu vasto conhecimento, foram capazes de influenciar o pensamento de diversas pessoas em determinadas discussões filosóficas sobre vários assuntos. E em tão rica história filosófica aparece a nós um filósofo romano, a saber, Boécio. Em linhas gerais:

A desventura pessoal de Boécio insere-se no contexto mais amplo de um confronto político-religioso estabelecido entre Teodorico e o Império, que abalou os últimos anos do reinado de Teodorico e abriu a estrada àquele progressivo deterioramento das relações entre godos e bizantinos que desembocaria na terrível e longa guerra greco-gótica.*

A partir dessas informações, e de tantas outras, nasceu e propagou-se, pelo menos na Idade Média, uma certa tradição do pensamento de Boécio, tradição que foi radicada na realidade histórica, por assim dizer.

Um dos principais pontos da filosofia de Boécio que pretendo tratar aqui é o da definição do conceito de pessoa, a saber, que pessoa é uma substância individual de natureza racional. Quando analisamos tal definição vemos de que a mesma é composta de aspectos que são típicos da filosofia, que são: substância, individual, natureza e racional. De início, para que possamos nos introduzir melhor neste assunto, Boécio nos dá pelo menos quatro definições de natureza; segundo ele, natureza pode ser algo próprio daquelas coisas que, justamente pelo fato de serem, podem ser apreendidas de alguma maneira pelo intelecto. A segunda definição de natureza que Boécio nos traz é que a mesma é o que pode fazer ou sofrer; já a terceira definição de natureza é que ela pode ser o princípio do movimento por si, e não por acidente. Por último, a quarta definição é que a natureza é a diferença específica que informa cada coisa.

Apesar de termos mais de uma definição de natureza, tanto para nós quanto para Boécio será mais plausível abraçarmos, nesta discussão, a quarta e última definição. Todas as outras três definições têm a sua importância, mas, como veremos a seguir, a quarta definição será a base que Boécio terá para desmanchar as heresias do nestorianismo e do monofisismo, já que ela se refere à forma.

Portanto, natureza é a diferença específica que informa cada coisa. Veremos no primeiro capítulo que Boécio recorre, ao que parece, a Aristóteles quando vai definir o termo “diferença específica”, tendo em vista que “específico” é a tradução que Boécio dá ao termo aristotélico *ειδοποιός* (*eidopoiós*), cuja significação será abordada no decorrer do capítulo em questão.

Após tomar, para sua definição de pessoa, a quarta definição de natureza, Boécio já parte para a definição de pessoa propriamente dita destacando todas as implicações

* JUVENAL SAVIAN FILHO in BOÉCIO, 2005, p. 125 e 126

que derivam dessa mesma definição. Pessoa, segundo o filósofo, só pode ser situada entre as substâncias e não tanto nas substâncias como nos acidentes, como é o caso da natureza. Ao colocar o termo pessoa entre as substâncias, Boécio dá início a um processo de afunilamento daquilo que pode ser encontrado dentro da substância até encontrar quais seres podem ser apontados como pessoa. E nesse processo, devido à amplitude que a substância possui, para poder encontrar aquilo que poderia ser dito pessoa, o filósofo romano faz um caminho onde afirma que algumas substâncias são corpóreas e outras são incorpóreas. Dentre as corpóreas, algumas são viventes enquanto outras não o são. Dentre as viventes, algumas são sensíveis enquanto outras não. Das sensíveis, algumas são racionais, outras não. Enfim, seguindo esse raciocínio, Boécio chegará a três seres que poderiam levar consigo o conceito de pessoa: o homem (entre as substâncias corpóreas), os anjos e Deus (entre as substâncias incorpóreas). A racionalidade é algo em comum entre esses três tipos de pessoa, pois a mesma está presente no homem, nos anjos e, principalmente, em Deus.

Boécio também faz uma distinção entre universais e particulares para complementar, se assim podemos dizer, a sua definição do conceito de pessoa. Como veremos no desenrolar deste trabalho, o filósofo nos diz que dentre todas as substâncias pessoa não pode ser dito nas universais, mas apenas nas singulares e nos indivíduos, pois não podemos, de certo modo, considerar uma espécie inteira como pessoa, mas sim, apenas, os indivíduos de uma determinada espécie.

Em suma, a definição que Boécio dá ao conceito de pessoa é a mais conveniente e a mais correta. Pessoa é substância, porque não é acidente; individual, porque só pode ser encontrada nos particulares e não nos universais; e, enfim, de natureza racional, pois a sua natureza, ou seja, a diferença específica que contém é a racionalidade.

No segundo capítulo veremos como esse mesmo conceito de pessoa, de acordo com a definição de Boécio, é aplicado a Jesus Cristo levando em consideração de que ele possui duas naturezas.

A doutrina da União Hipostática é definida pela existência de duas naturezas em Jesus Cristo, divina e humana, que não se misturam e nem se alteram; por outro lado, elas não se separam e nem se dividem, compondo e estabelecendo assim uma só pessoa e uma só subsistência, eternamente. Em suma, Jesus é totalmente Deus e totalmente homem.

Nem sempre essa questão das duas naturezas de Cristo foi bem aceita, ou seja, ao longo da história surgiram várias heresias acerca desse assunto, como, por exemplo, o *Arianismo*, o *Gnosticismo*, entre outras. E todas essas heresias têm algo em comum que é, a saber, atacar, de algum modo, ou a natureza humana, ou a natureza divina ou ambas as naturezas de Jesus.

Sem dúvidas a definição de pessoa (substância individual de natureza racional) pode ser aplicada em Jesus Cristo, pois ele é, de fato, uma substância individual de natureza racional. Mas Cristo, dentro dessa definição boeciana, não é pessoa enquanto

homem, pois a sua natureza humana é temporal; Cristo é pessoa somente enquanto divino, pois a sua natureza divina é eterna. E se Jesus Cristo é uma pessoa, ele também pode ser uma Hipóstase.

O termo hipóstase é de origem grega e pode se referir à natureza de algo ou à uma instância em particular daquela natureza. Na teologia cristã a terminologia do termo hipóstase foi, por assim dizer, clarificada e padronizada para que a “fórmula” três hipóstases (pessoas) em uma ousia (essência) fosse aceita como uma espécie de síntese da doutrina ortodoxa sobre a Trindade: de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três hipóstases diferentes, porém em uma única divindade.

Há uma estrita ligação entre o conceito de pessoa e o conceito de hipóstase. Os Gregos davam o nome de hipóstase a toda substância que fosse individual e de natureza racional, pois para eles, pela própria significação da palavra *hypóstasis*, ela pode exprimir qualquer indivíduo substancial; mas, usualmente falando, ela veio à significar o indivíduo de natureza racional, justamente por causa da excelência dessa natureza. Isto é, significado pelo nome de pessoa. Portanto, hipóstase seria o mesmo que pessoa. E, para encerrar esta introdução, se hipóstase seria o mesmo que pessoa, e Jesus Cristo é uma pessoa, logo, ele também seria uma hipóstase.

Capítulo 1

Aspectos filosóficos em relação à definição do conceito de pessoa

A definição que Boécio dá ao conceito de pessoa é: substância individual de natureza racional. E a respeito de tal definição, será importante analisarmos os aspectos filosóficos referentes à mesma, pois estes serão de fundamental importância para melhor compreendermos o conceito de pessoa como um todo, de acordo com o pensamento de Boécio.

Começemos por analisar o aspecto natureza.

1.1 Natureza

Em sua obra (no *Contra Êtíques e Nestório*), Boécio apresenta algumas definições de natureza, a saber:

1. Natureza é própria daquelas coisas que, por serem, podem ser apreendidas de algum modo pelo intelecto.
2. É o que pode fazer ou sofrer.
3. Princípio do movimento por si, não por acidente.
4. Diferença específica que informa cada coisa.¹

Porém, por mais que o filósofo tenha apresentado essas quatro definições de natureza, será a última definição que nós utilizaremos nesta discussão. Que por sinal, também foi a definição que o próprio Boécio escolheu para debater em sua obra do *Contra Êtíques e Nestório*. Não que as três primeiras definições sejam desprezíveis – pois todas as definições são importantes –, mas é que a quarta definição permitiu ao filósofo solver os equívocos do nestorianismo e do monofisismo (dois problemas que não serão tratados de uma maneira aprofundada neste trabalho), já que ela se refere à forma, por assim dizer.

Portanto, tendo como base a quarta definição, natureza é a diferença específica que informa cada coisa. Aqui, é de considerável importância entendermos o que significa o termo “diferença específica” para que possamos compreender o sentido de natureza quando é dito desta maneira.

Boécio parece recorrer a Aristóteles quando vai definir o termo “diferença específica”, pois “específico” é a tradução que Boécio dá ao termo aristotélico εἰδοποιός “(de εἶδος, forma, e ποιός, que não apenas remete ao verbo ποιεῖω, ‘fazer, produzir’, mas também se identifica com o adjetivo interrogativo ποιός, -α, -ον, ‘qual? De qual

¹ BOÉCIO, 2005, p. 161, 162 e 163

natureza? De qual classe?’)’². Com essa tradução, Boécio vai buscar indicar a diferença de espécies dentro de um mesmo gênero.

A diferença específica relaciona-se à forma, pois “a designação da espécie a respeito do gênero é [se dá] pela diferença constitutiva, que é tomada da forma da coisa”³. Forma é aquilo que, de certo modo, comunica a certeza das coisas, pois “a certeza de cada coisa é significada pela forma”⁴.

Nesse caso, já tendo por entendido que a diferença específica se dá através da forma, há uma definição que é fundamental para caracterizar tal diferença, dada pelo próprio Aristóteles, que nos permite conceber melhor o que Boécio quer expressar quando considerou tal termo na última definição de natureza:

O que é diferente por espécie é diferente por algo em alguma coisa, e isso deve ser comum a ambos; por exemplo se um animal é diferente de outro pela espécie, ambos são animais, portanto é necessário que as coisas que são diferentes pela espécie pertençam ao mesmo gênero (gênero animal). [...] De fato, não só deve haver algo comum entre as duas coisas – por exemplo, que sejam ambas animais –, mas isso mesmo – isto é, o animal – deve ser diferente em cada uma das duas (espécies) – por exemplo, uma sendo cavalo e a outra homem –, e, portanto, esse termo comum é, em ambas, diferente pela espécie. E uma delas será, por si, determinada espécie de animal e a outra será outra espécie de animal – por exemplo, uma será cavalo e a outra homem.⁵

Com base nessa passagem, retirada da metafísica de Aristóteles, podemos entender que a diferença específica é uma designação que permite a cada espécie, dentro do gênero animal (na citação), ser de acordo com a sua forma, ou seja, em relação às espécies, a diferença específica permite ao cavalo ser cavalo e permite ao homem ser homem.

Assim, quando o filósofo Boécio mostra que natureza é a diferença específica que informa cada coisa, o mesmo também diz claramente que natureza, dentro destes termos, se refere à espécie da coisa ou à forma da coisa em questão. Quando relacionamos essa definição de natureza a Cristo, podemos compreender que, quando se fala das duas naturezas presentes nele, tais naturezas referem-se à humana e à divina, mas em um sentido específico, isto é, no sentido de estar ligado à espécie. Dentro dessa discussão, tem que se considerar a humanidade e a divindade como diferenças específicas que constituem o Cristo.

Apesar de a divindade não ser caracterizada apropriadamente como uma espécie, uma vez que a mesma possui propriedades inteligíveis que fogem dos padrões

² JUVENAL SAVIAN FILHO in BOÉCIO, 2005, p. 74

³ TOMÁS DE AQUINO, 2011, p. 19

⁴ TOMÁS DE AQUINO, 2011, p. 19

⁵ ARISTÓTELES, 2014, p. 469

corpóreos e materiais, nós podemos apontá-la dessa maneira por insuficiência e limitação do nosso conhecimento, colocando-a lado a lado da humanidade como uma diferença específica que caracteriza Cristo, quanto às suas duas naturezas, mesmo compreendendo de que a divindade, mais do que algo limitado à espécie, possui uma classificação que ultrapassa aquilo que pode ser entendido pelo homem.

Dessa maneira, assim como o ser cavalo caracteriza a natureza ou a diferença específica do cavalo, em Jesus Cristo a natureza humana caracteriza nele o ser homem enquanto a natureza divina caracteriza o ser Deus.

Passemos agora para a definição referente ao conceito de pessoa.

1.2 Pessoa

Após ter nos dado a melhor definição de natureza para esse tipo de discussão, Boécio, a partir dos capítulos dois e três de seu tratado do *Contra Êutiques e Nestório*, passará a discutir sobre a definição do conceito de pessoa destacando também as implicações que derivam dessa definição.

Segundo o filósofo, pessoa, diferente de natureza (que pode ser percebida tanto nas substâncias quanto nos acidentes), só pode ser situada entre as substâncias. Vejamos:

[...] “pessoa” não pode ser situada entre os acidentes (quem, por acaso, dirá haver alguma pessoa da alvura, da negritude ou da grandeza?), resta, ser conveniente que se diga “pessoa” entre as substâncias.⁶

Ao colocar o termo pessoa entre as substâncias, Boécio dá início a um processo de afunilamento daquilo que pode ser encontrado dentro da substância até encontrar quais seres podem ser apontados como pessoa. E nesse processo, devido à amplitude que a substância possui, para poder encontrar aquilo que poderia ser dito pessoa, o filósofo romano faz o seguinte trajeto:

[...] Das substâncias algumas são corpóreas, outras, incorpóreas. Das corpóreas, algumas são viventes, outras não; das viventes, algumas são sensíveis, outras não; das sensíveis, umas são racionais, outras irracionais. Igualmente, das incorpóreas, algumas são racionais, outras não, como as vidas dos animais; das racionais uma é imutável e impassível por natureza, como Deus, outra, mutável e passível por criação, a não ser que, por graça da substância impassível, essa passível seja mudada à firmeza da impassibilidade, como é o caso da substância dos anjos e da alma racional. A partir disso tudo, é manifesto que “pessoa” não se pode dizer de corpos não viventes (ninguém, pois, diz haver alguma pessoa da pedra) nem, por outro

⁶ BOÉCIO, 2005, p. 163 e 164

lado, daqueles viventes que carecem de sentido (e, portanto, não há nenhuma pessoa da árvore) nem, finalmente, daquilo que é desprovido de intelecto e razão (não há, pois, nenhuma pessoa nem do cavalo nem do boi nem dos outros animais que, mudos e sem razão, consomem sua vida unicamente nos sentidos); mas dizemos que há uma pessoa do homem, de Deus, do anjo.⁷

Assim, ao seguir esse raciocínio, Boécio chega a três seres que poderiam levar consigo o conceito de pessoa, a saber, entre as substâncias corpóreas, o homem; e entre as substâncias incorpóreas, os anjos e Deus. Aqui, também é de salutar importância notar que ambos os três tipos de pessoa, citados anteriormente, possuem algo em comum que é, a saber, a racionalidade, pois a mesma está presente em Deus, nos anjos e no homem.

Ainda em relação à substância, o filósofo também faz uma distinção entre os particulares e os universais, tendo em vista que essa distinção é indispensável para se chegar à definição do conceito de pessoa. E quanto a estes termos de particular e universal, podemos afirmar o seguinte, de acordo com José Ferrater Mora:

O universal se distingue [...] enquanto geral, do individual. O universal se refere a uma totalidade plural de objetos, com o que o universal se opõe ao particular. [...] A palavra “Hugo” é um nome próprio. Supõe-se que, mediante este nome nos referimos a uma pessoa determinada, a uma entidade concreta e singular cujo nome é “Hugo”. Da entidade concreta e singular, ou da pessoa, cujo nome é “Hugo” podemos dizer que é um homem, que é alto, que é ruivo. Os termos “homem”, “alto”, “ruivo” são usados para qualificar Hugo. São nomes comuns usados não para nomear uma entidade singular, mas de um modo universal. “Homem”, “alto”, “ruivo” são nomes chamados “universais”. [...] Os universais [...] foram chamados “noções genéricas”, “ideias” e “entidades abstratas”. [...] Foi costume opor os universais aos “particulares” e estes foram equiparados com entidades concretas ou singulares.⁸

Tendo em vista, agora, que a substância contém em si tanto os universais quanto os particulares, podemos afirmar que é somente nos particulares que se pode encontrar o termo pessoa, pois não é possível conceber esse mesmo termo em relação aos universais. Vejamos o que Boécio diz a respeito disso:

Dentre todas essas substâncias, “pessoa” não pode ser dito, de nenhuma maneira, nas universais, mas somente nas singulares e nos indivíduos; não há, pois, nenhuma pessoa do animal ou do homem geral, mas denominam-se pessoas singulares Cícero ou Platão ou indivíduos singulares.⁹

⁷ BOÉCIO, 2005, p. 164

⁸ JOSÉ FERRATER MORA, 2001, p. 2948 e 2949

⁹ BOÉCIO, 2005, p. 164 e 165

Assim, o filósofo romano chega a uma definição de pessoa que julga ser conveniente e correta: “substância individual de natureza racional”. Pessoa seria substância, pois não pode ser acidente; individual, pois só pode ser encontrada nos particulares e não nos universais; e de natureza racional, porque a sua natureza, isto é, a diferença específica que contém é a racionalidade. Portanto, para Boécio, substância individual de natureza racional é a definição mais conveniente para o conceito de pessoa.

Passemos agora para a análise de certos elementos e implicações que estão relacionados à definição do conceito de pessoa para que possamos perceber, para além da definição desse mesmo termo, em qual sentido pessoa deve ser compreendida e de que modo esse conceito deve ser aplicado.

1.3 Elementos e implicações referentes à definição do conceito de pessoa

No *Contra Êtíques e Nestório*, mais especificamente no início do capítulo três, Boécio já nos dá a definição do conceito de pessoa evidenciada como substância individual de natureza racional. E tendo tal definição como base, o filósofo irá estabelecer uma certa relação entre os conceitos gregos e latinos que circundam tal definição e também apresentará o significado de outros conceitos ainda caros para a discussão em seu tratado, citado acima.

Boécio escreve acerca da origem do termo pessoa, fazendo referência ao teatro grego, no qual as máscaras utilizadas pelos atores recebiam o nome de *personae* ou *prósopa*. Essas máscaras representavam figuras importantes, aquelas que seriam os principais personagens em cena.¹⁰

E em relação à essa origem do termo pessoa, o filósofo romano diz que “o nome ‘pessoa’ parece tomado de outra fonte, a saber, daquelas máscaras que, nas comédias e tragédias, representavam os homens que interessava representar, [...] cujo reconhecimento seria certo”¹¹. Boécio chega à comparar a concepção grega do termo pessoa com a concepção latina desse mesmo termo, porque aquilo que os latinos entendiam como pessoa (*persona*) os gregos entendiam como *hypóstasis*. Vejamos:

Eles (os gregos), na verdade, à subsistência individual de natureza racional chamaram, mais exatamente, pelo nome de *υπόστασις* /*hypóstasis*/, enquanto nós, por penúria de significantes, retivemos a denominação transmitida pela tradição, chamando de “pessoa” o que eles dizem *υπόστασις*; porém, a Grécia, mais precisa nas palavras, chama *υπόστασις* a subsistência individual.¹²

¹⁰ GABRIEL ANDERSON BARBOSA, 2017, p. 33

¹¹ BOÉCIO, 2005, p. 165

¹² BOÉCIO, 2005, p. 165 e 166

No decorrer dos seus escritos – do *Contra Êutiques e Nestório* –, um pouco mais adiante, Boécio vai caracterizar o sentido e a aplicação dos conceitos metafísicos aos universais e aos particulares, ressaltando, assim, a peculiaridade e a importância de cada uma das aplicações. As essências, segundo o filósofo, podem ser nos universais, porém será apenas nos indivíduos, e nos particulares, que as mesmas terão substância. Diante disso, Boécio inclui o termo *hypostáseis* caracterizando as subsistências que tomam a substância de uma maneira particular, ou seja, as que possuem substância nos individuais ou nos particulares.

É preciso distinguir aqui o significado de subsistência do significado de substância, porque subsistência refere-se ao ato de subsistir (capacidade de existir em si e não no outro) enquanto substância refere-se ao ato de subestar, isto é, estar sob os acidentes*. Subsistir é comum aos gêneros e às espécies, já que são universais; agora, estar sob é mais comum aos particulares, porque além de subsistirem, os particulares também subestam. Vejamos o que o próprio Boécio diz a respeito disso:

[...] Parecerão idênticas “subsistência” e “substância”, pois o que os gregos dizem ουσίωσις /ousíōsis/ ou ουσιοῦσθαι /ousiōûsthai/ nós chamamos, respectivamente, “subsistência” ou “subsistir”; mas o que eles designam por ὑπόστασις /hypóstasis/ ou υφίστασθαι /hyphístasthai/ nós interpretamos como “substância” ou “estar sob”. Subsiste, pois, aquilo mesmo que não carece de acidentes para poder ser; está sob, porém, aquilo que subministra um certo sujeito para outros, a saber, os acidentes, a fim de que possam ser: com efeito, está sob eles, pois que é sujeito de acidentes. Assim, os gêneros e as espécies apenas subsistem; os acidentes, então, não ocorrem nem aos gêneros nem às espécies. Os indivíduos, ao contrário, não apenas subsistem, como, também, estão sob, pois não carecem dos acidentes para ser, uma vez que já foram informados por suas diferenças próprias e específicas, ao mesmo tempo que, sendo, por certo, sujeitos, permitem aos acidentes que eles possam ser.¹³

Na *Suma Teológica*, Tomás de Aquino chega a comentar essas relações que foram apresentadas por Boécio:

Boécio diz que só os gêneros e as espécies subsistem. Os indivíduos, porém, não somente subsistem, mas também sustentam (subestam). Ora, de *subsistir* vem a denominação de subsistência; e de *sustentar* (subestar ou estar sob) a de substância ou hipóstase. Portanto, ser hipóstase ou pessoa não convém nem aos gêneros nem às espécies [...].¹⁴

*”Acidente significa o que pertence a uma coisa e pode ser afirmado como verdade da coisa, mas não sempre nem habitualmente. [...] Como existem atributos que pertencem a um sujeito e como alguns desses atributos só pertencem ao sujeito em certos lugares e em determinadas ocasiões, então serão acidentes todos os atributos que pertencem a um sujeito”. (ARISTÓTELES, 2014, p. 263)

¹³ BOÉCIO, 2005, p. 166 e 167

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 525 e 526

O termo hipóstase, de acordo com Tomás, remete ao termo grego, que vimos anteriormente, *υπόστασις/ hypóstasis*, que seria como os gregos chamam aquilo que, para nós, levaria consigo a definição de pessoa (substância individual de natureza racional). Mas Boécio também chama a atenção para o fato de os gregos não aplicarem tal termo a animais irracionais, ou seja, eles aplicam o mesmo termo a algo que seja superior, para que, segundo o filósofo, “aquilo que é mais excelente seja distinguido, se não pela descrição da natureza, [...] ao menos o seja pelos termos *υπόστασις* (hipóstase) ou substância”¹⁵.

Ao encerrar sua exposição referente aos elementos metafísicos que envolvem a questão que pretende abordar, Boécio aplica esses conceitos ao homem e a Deus, sendo que, em Cristo, coexistem essas duas realidades. Vejamos:

Há, certamente, *ουσία* ou essência (no homem), porque ele é; *ουσίωσις*, entretanto, ou subsistência, porque ele não está em nenhum sujeito; *υπόστασις* ou substância, porque é sob outros que não são subsistências; [...] e *προσωπον*, ou pessoa, porque é um indivíduo racional. Deus também é *ουσία* ou essência: ele é, com efeito; e ele mesmo, no mais alto grau, é aquele de quem provém o ser de tudo. Ele é *ουσίωσις*, isto é, subsistência (subsiste, pois, sem precisar de nada); e *υφιστασθαι*: está sob, pois. Daí vem dizermos ser uma a *ουσία* ou *ουσίωσις*, isto é, a essência ou subsistência da deidade, mas três *υπόστασεις*, isto é, três substâncias. E foi seguramente desse modo que outros afirmaram uma essência, três substâncias e três pessoas da Trindade.¹⁶

Boécio tem uma certa preocupação em expressar de uma maneira clara o significado e o sentido de cada termo em questão, ele apresenta cada conceito tanto na tradição grega quanto na tradição latina, com a intenção de escapar de qualquer dúvida e desentendimento relacionados à aplicação e ao sentido de cada termo. Esse processo de definições, conceitos e significados feito por Boécio, confere a ele a base e a fundamentação de seus argumentos para que possa se posicionar contrário às heresias de Êutiques e Nestório.

Essa explanação conceitual, ligada à devida definição dos termos natureza e pessoa, bem como de todos os elementos que foram abordados nas definições destes mesmos termos, permite que o filósofo estabeleça uma construção lógico-metafísica imprescindível para a concepção destes termos num sentido que seja adequado à discussão de sua obra, *Contra Êutiques e Nestório*.

Tido como já analisados todos os aspectos filosóficos que tem relação com a definição do conceito de pessoa, passemos agora para o próximo capítulo deste trabalho, onde vamos analisar este mesmo conceito de pessoa, em Jesus Cristo.

¹⁵ BOÉCIO, 2005, p. 167

¹⁶ BOÉCIO, 2005, p. 167 e 168

Capítulo 2

O conceito de pessoa em Jesus Cristo

No capítulo anterior vimos, de uma maneira mais aprofundada, os aspectos filosóficos em relação à definição que dá Boécio ao conceito de pessoa. Agora, neste segundo capítulo, vamos analisar este mesmo conceito de pessoa em Jesus Cristo analisando, antes, as suas duas naturezas (divina e humana).

De certo modo, a Sagrada Escritura nos revela frequentemente que Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem¹⁷. No fundo, essa questão das duas naturezas em Cristo trata-se de uma União Hipostática, que é uma doutrina que trata da união perfeita e inconfundível entre a natureza humana e a natureza divina na única pessoa de Jesus Cristo, isto é, o Unigênito Filho de Deus se tornou totalmente humano sem se desfazer de nenhum de seus atributos e natureza divina, em um processo de auto-esvaziamento. E esse auto-esvaziamento de Jesus em sua encarnação normalmente é chamado de *Kenosis*¹⁸. Vejamos agora um pouco mais detalhadamente qual é a definição de União Hipostática.

2.1 A doutrina da União Hipostática

A União Hipostática é uma das doutrinas mais difíceis de serem estudadas. Talvez um dos motivos para tal dificuldade é que não importa o quanto se estude ou o quanto se busque averiguar e formular precisamente a terminologia nela envolvida, pois sempre terminaremos reconhecendo o seu valor incognoscível. Sem contar também que acabaríamos declarando a impossibilidade de se aceitar de uma maneira cabível à realidade ontológica sobre a qual versa essa doutrina. Outro motivo que torna a União

¹⁷ A doutrina da humanidade de Jesus Cristo certamente é um dos fundamentos da fé cristã, pois a Sagrada Escritura afirma claramente que Jesus é homem, assim como também afirma claramente que Jesus é Deus.

¹⁸ O termo *Kenosis* é um derivado do verbo grego κενόω, que significa “vazio”. Em Cristo, quando falamos de *Kenosis*, trata-se da doutrina de seu auto-esvaziamento em sua encarnação. A *Kenosis* nada mais foi do que uma auto-renúncia, e não um esvaziamento de sua divindade e nem uma troca de divindade pela humanidade. Paulo, em sua carta aos Filipenses, diz claramente que Jesus “se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens” (Fl, 2: 7). Jesus Cristo não cessou de ser Deus durante sua passagem terrena. Porém, ele deixou de lado a sua glória celestial de uma relação face a face com Deus Pai, por assim dizer. Deixou também de lado a sua autoridade independente. De uma maneira geral, Cristo, em seu ministério terreno, se submeteu totalmente à vontade do Pai. Como parte da *Kenosis*, Jesus às vezes operou com as limitações da condição humana (podemos ver isso em Jo 4, 6; 19, 28). Deus não se cansa e nem fica com sede. No evangelho segundo Mateus podemos ler o seguinte: “Daquele dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas só o Pai” (Mt 24, 36). Diante disso, alguns podem até se perguntar: Se Jesus era Deus, como é que ele não sabia de tudo como Deus? Parece que quando Jesus estava na terra, ele acabou abrindo mão de alguns de seus atributos divinos. Cristo era santo, justo, misericordioso, bondoso e amoroso, mas a sua onisciência e onipotência não foram usadas por completo em sua vida terrena, por assim dizer. Porém, quando se trata da *Kenosis*, a tendência é nos concentrarmos demais somente naquilo de que Jesus abriu mão, mas a *Kenosis*, de certa forma, também é lida com o que Jesus assumiu. Ele tomou sobre si mesmo a natureza humana e se humilhou. Deixou de ser a glória das glórias no céu para ser um homem, que foi condenado à morte. No supremo ato de humildade, Deus tornou-se um ser humano e morreu por sua criação. A *Kenosis* é, portanto, Jesus Cristo assumindo a natureza humana com todas as suas limitações, exceto o pecado.

Hipostática em algo difícil de se compreender são justamente as implicações que dela se extraem, a saber, Deus é eterno, é a fonte e origem de toda a vida; porém, Cristo, mesmo sendo Deus, morreu e permaneceu morto por três dias. A morte da pessoa de Jesus levanta a seguinte questão: se Deus não morre, e Cristo é Deus, mas morreu, então como isto pode funcionar? Essa questão da morte de Cristo é suficiente para nos mostrar algumas das várias implicações que estão envolvidas no estudo da União Hipostática e, também, é suficiente para nos apontar o nível de dificuldade com o qual vamos lidar.

Essa doutrina é definida pela existência de duas naturezas em Jesus Cristo, divina e humana, que não se misturam e nem se alteram; por outro lado, elas não se separam e nem se dividem, compondo e estabelecendo assim uma só pessoa e uma só “subsistência”¹⁹, eternamente. Em suma, Jesus é totalmente Deus e totalmente homem para todo o sempre, visto que ele, até os dias de hoje, possui um corpo humano na eternidade.²⁰

Para podermos começar a compreender um pouco melhor essa questão da União Hipostática, a primeira coisa que precisamos fazer é definir os termos que estão envolvidos em sua formulação. Aqui, de certo modo, o termo “natureza” refere-se à soma total de todos os atributos que fazem algo ser o que é. Como, por exemplo, quando falamos em natureza humana ou em natureza divina fazemos, conseqüentemente, referência à totalidade dos atributos que qualificam essas naturezas como humana ou como divina. E aqui, o termo “pessoa” refere-se à uma substância completa dotada de razão.

Personalidade não é necessariamente uma parte integrante e essencial da natureza, mas é o término para o qual ela se inclina. Aqui, uma pessoa é uma natureza acrescida de algo, a saber, uma subsistência ou uma individualidade independente.

As definições tratadas acima serão de grande importância para podermos entender como a pessoa de Jesus Cristo pode ser Deus e homem ao mesmo tempo; e, enquanto tem atitudes e pensamentos de uma ou de outra natureza, continua sendo uma só pessoa, e continua sendo o Cristo.

Vejamos agora essa questão das duas naturezas na única pessoa de Jesus.

2.2 As duas naturezas de Cristo (divina e humana)

Na maioria das vezes costumamos enfatizar mais a divindade de Cristo, o que não é errado, mas, também, por causa disso, podemos cair no erro de minimizar a sua humanidade. Vê-se aqui que a perfeita humanidade de Cristo é crucial, pois se a negássemos também estaríamos negando a salvação provida por sua obra redentora na

¹⁹ Um dos assuntos mais tratados no Concílio de Calcedônia (451 d.C.) foi o da subsistência de Jesus Cristo.

²⁰ (cf. At 1, 11 e Ap 5, 6)

cruz, de acordo com a fé cristã. Paulo, em sua carta aos Hebreus, tratou desse assunto de maneira detalhada enfatizando que a realidade da humanidade de Jesus é fundamental na realidade da nossa salvação.

Uma vez que os *filhos* têm em comum carne e sangue, por isso também ele participou da mesma condição, a fim de destruir pela morte o dominador da morte, isto é, o diabo; e libertar os que passaram toda a vida em estado de servidão, pelo temor da morte.²¹

A certeza da humanidade de Cristo também nos ajuda a entender um pouco melhor o cumprimento de algumas promessas fundamentais, como, por exemplo, a promessa feita por Deus após a queda do homem. No livro do Gênesis podemos ler que a descendência da mulher esmagaria a cabeça da serpente, e essa promessa tem seu cumprimento na pessoa de Jesus Cristo, plenamente Deus e plenamente homem. Em suma, a humanidade de Jesus é de fundamental importância, de maneira especial, para a tradição cristã.

Como já analisamos um pouco acima, mas é de salutar importância para este capítulo enfatizar, Cristo é uma só pessoa que possui duas naturezas, a saber, a natureza humana e a natureza divina. Quando essas duas naturezas, em Jesus, são colocadas em discussão, de certo modo o nosso entendimento a respeito disso torna-se limitado a ponto de termos que denominar essa questão de “O mistério da Encarnação do Verbo.” Há verdades na Sagrada Escritura que são afirmadas e, às vezes, explicadas. A doutrina acerca das duas naturezas de Cristo, e como elas se relacionam, sem dúvidas é uma das verdades afirmadas pela Sagrada Escritura. Em casos de religiosidade, cabe a nós aceitar tal verdade pela fé, mas aqui vamos aprofundar essa questão através da Filosofia, da melhor maneira possível.

Antes de falarmos um pouco mais da humanidade de Cristo, precisamos analisar agora a sua divindade, por assim dizer. Na Sagrada Escritura há diversas passagens que afirmam de que Jesus é Deus, o Filho Unigênito do Pai, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Vejamos algumas dessas passagens:

*Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: “Deus está conosco”.*²²

Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”.²³

Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.²⁴

Ora, tu também, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, pois irás à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos [...].²⁵

²¹ Hb 2, 14-15

²² Mt 1, 23

²³ Mt 16, 16

²⁴ Mc 1, 1

“[...] Eu e o Pai somos um”.²⁶

Como pudemos ver nas citações anteriores, a Sagrada Escritura, nos livros dos evangelistas e, também, em diversas outras passagens, afirma explicitamente a divindade de Cristo. Do mesmo modo, podemos ver algumas afirmações a respeito da humanidade de Jesus, como, por exemplo, nos textos que falam acerca de seu nascimento (Lc 2, 1-20), crescimento e aprendizado (Lc 2, 49-52) e tantas outras atividades que são comuns ao ser humano como sentir fome, sede, cansaço, chorar, e, inclusive, sofrer e morrer. Cristo em tudo experimentou da sua condição humana, exceto, é claro, o pecado, de acordo com a tradição cristã.

Mas talvez fica-nos uma questão que ainda não foi respondida, que é: como a natureza humana e a natureza divina de Jesus se relacionam? Responder a esse tipo pergunta certamente é um desafio, pois sendo plenamente humano Jesus possui todos os atributos humanos (no caso, de um homem) e sendo plenamente Deus, Cristo também possui todos os atributos divinos, como, por exemplo, a onisciência. Logo, podemos afirmar sem dúvidas de que certas características e atitudes de Jesus são atribuídas à sua humanidade enquanto outras características e atitudes de Cristo são atribuídas à sua divindade, mas isso não implica em dizer de forma alguma que Jesus alternava entre as suas duas naturezas, isto é, agindo em alguns momentos como homem e em outros momentos como Deus; Ele sempre agiu na unidade de sua pessoa divina-humana, visto que não se tratam de duas pessoas, mas sim de uma única pessoa com duas naturezas indivisíveis, distintas e inseparáveis, como já foi citado anteriormente.

Portanto, em toda a sua vida, Jesus Cristo permaneceu e permanece totalmente Deus e totalmente homem. A princípio essa teoria é um pouco difícil de se entender, pois a mesma implica justamente no fato de que ao mesmo tempo em que Jesus, em sua humanidade, experimentava a condição humana, em sua divindade ele permanecia onipotente. De certo modo, para nós é praticamente impossível compreender totalmente essa questão das duas naturezas em Cristo, mas isso não significa que seja uma contradição, mas sim um paradoxo que nos leva a reconhecer que a encarnação do Verbo é, de fato, um mistério.

Nem sempre essa questão das duas naturezas de Cristo foi bem aceita, isto é, ao longo da história surgiram várias heresias acerca desse assunto. E todas essas heresias têm algo em comum que é, a saber, atacar, de algum modo, ou a natureza humana, ou a natureza divina ou ambas as naturezas de Jesus. Vejamos a seguir alguns exemplos dessas heresias.

2.3 Heresias acerca das duas naturezas em Cristo

²⁵ Lc 1, 76

²⁶ Jo 10, 30

- **Monarquianismo Dinâmico:** Afirma que Jesus não era divino, mas simplesmente um homem que recebeu um “poder especial” de Deus quando foi batizado por João Batista. Em linhas gerais, o monarquianismo dinâmico tornou-se a grande heresia do século III d.C.. Essa terminologia foi dada por Tertuliano²⁷, que foi um grande apologista da doutrina da Trindade e formulador do termo teológico *Trindade* (três pessoas na divindade). De certa maneira, o monarquianismo dinâmico defendia a existência de um só Monarca (no caso, um só Deus) contra a divindade de Jesus, que segundo seus defensores não poderia ser também o Monarca (Deus). Inicialmente, o monarquianismo dinâmico foi contra a divindade de Jesus, entretanto, com o passar do tempo, surgiram monarquianos que aceitaram a divindade de Jesus, mas não a divindade plena. Daí o significado do termo. A palavra “monarquianismo” vem do termo grego *μοναρχία* (*monarchia*), isto é, o governo exercido por um único indivíduo. Por essa razão, os monarquistas faziam forte oposição à doutrina da Trindade. Não compreendiam o termo Trindade, que é a pluralidade das pessoas da divindade, mas confundiam que também eram das divindades. Por isso sustentavam que tal doutrina se opunha à fé no Deus único e verdadeiro.

- **Arianismo:** Defende que o Filho de Deus nada mais era do que uma criatura do próprio Deus. Em resumo, o arianismo é considerado uma heresia cristã fundada por volta do século IV por Ário, um presbítero de Alexandria, no Egito. A doutrina baseava-se essencialmente no princípio da negação de Cristo como uma divindade. Ário e Eusébio de Cesareia²⁸ procuravam uma razão que explicasse a Santíssima Trindade, e para diferenciar Deus (Pai) e Cristo (Filho) decidiram negar a este a sua divindade. Para os arianos, Jesus Cristo não é nada mais do que a primeira das criaturas, um mero instrumento de Deus. E para desenvolverem tal teoria, os arianos basearam-se em fórmulas consideradas ortodoxas.

- **Nestorianismo:** Afirma que Jesus possui, além de duas naturezas, duas pessoas, divina e humana, que se encontravam num só corpo. Isto é, o nestorianismo buscou elaborar uma maneira de explicar a face humana de Jesus e a natureza divina de um modo que preservasse a integridade natural das duas realidades na mesma pessoa. Em sua concepção, Nestório, que foi bispo de Constantinopla, não aceitava que Cristo podia assumir uma natureza humana sem uma pessoa ligada a ela. Os seguidores dessa heresia acreditavam que Jesus unia em si duas entidades, a saber: o Verbo e o Homem, sendo, porém, que as duas pessoas eram tão unidas que quase se fundiam em uma única entidade. Assim, Nestório atribuía a Cristo duas partes ou divisões, uma humana e outra divina. Quando Jesus realizava ações comuns a qualquer outro ser humano, era a sua

²⁷ Tertuliano foi um prolífico autor das primeiras fases do Cristianismo, nascido em Cartago na província romana da África Proconsular. Ele foi o primeiro autor cristão a produzir uma obra literária em latim, a saber, a obra *corpus*. Ele também foi um notável apologista cristão e um polemista contra a heresia. Ele organizou e avançou a nova teologia da Igreja antiga. Talvez seja mais famoso pelo fato de ser o autor mais antigo cuja obra sobreviveu a utilizar o termo "Trindade" (Trinitas) e por nos dar a mais antiga exposição formal ainda existente sobre a teologia trinitária. É um dos Padres latinos. Algumas das ideias de Tertuliano não eram aceitáveis para os ortodoxos e, no fim de sua vida, ele se tornou um montanista.

²⁸ Eusébio de Cesareia foi bispo de Cesareia e é referido como o pai da história da Igreja, porque em seus escritos estão os primeiros relatos quanto à história do cristianismo primitivo.

parte humana que estava em evidência no momento, mas quando realizava atos de natureza divina, os nestorianos acreditavam que a sua parte divina estava em ação.

- **Monofisismo:** Afirma que Jesus Cristo possui apenas uma única natureza, entendendo que a sua divindade havia absorvido a sua humanidade. Ou seja, a heresia monofisita (de uma única natureza), defendida por Êutiques²⁹, confessa que Cristo possuiria apenas uma natureza e uma pessoa. Segundo Êutiques, a natureza humana e a natureza divina em Jesus permaneceriam distintas até o momento da união entre o Cristo homem e o Cristo Deus, a partir da qual ocorreria a unificação das naturezas. Por essa razão, afirmava o herege que Jesus Cristo é formado a partir de duas naturezas, mas não consistia em ambas.

- **Gnosticismo:** Os gnósticos foram pessoas que negaram a humanidade de Jesus de várias formas. Eles foram levados a esse tipo de negação pelos seus próprios conceitos a respeito da origem do mal³⁰. Deus é a única fonte do bem. Já que o mal existe, a sua origem está não só fora dele, mas também totalmente independente dele. Ele é a fonte de todas as existências espirituais. É pela emanção de sua substância que são produzidos os seres espirituais. Deles sucedem outras emanções, e destas procedem ainda outras, em uma determinada deterioração que é sempre crescente, com base na distância da fonte primeira. O mal vem da matéria³¹. O mundo não pode ter sido criado por Deus, mas sim por um espírito inferior a Ele, a saber, o Demiurgo³². O homem é um espírito derivado de Deus unido a um corpo material e à uma alma animal. Em virtude dessa união do espiritual com o material, o espírito fica contaminado e escravizado. A redenção consiste na emancipação do corpo, a fim de torná-lo capaz de voltar a entrar na esfera dos espíritos puros, ou perder-se em Deus. Para isso, Jesus, uma das mais elevadas emanções de Deus veio ao mundo. Era de certa forma necessário que aparecesse semelhante ao homem, mas era impossível fazer-se homem sem estar sujeito à contaminação e à servidão das quais veio libertar os homens. Algumas pessoas chegavam a afirmar que Cristo não tinha um corpo real ou que precisava de alma humana, diziam que tratava-se de uma mera aparência sem substância ou realidade. Por essa razão foram chamados de docetistas. Diziam que toda a vida terrena de Jesus foi apenas uma ilusão; ele não teria nascido, nem sofrido e, muito menos, morrido. Um pequeno grupo até chegou a admitir que Cristo tinha um corpo real, mas negavam que tal corpo fosse material. De uma maneira geral, os gnósticos foram fortemente influenciados pela concepção dualista dos gregos, em que a matéria, tida como má, é descrita como completamente oposta ao espírito. Eles rejeitavam a ideia de encarnação. Para o gnosticismo, Jesus Cristo era uma essência espiritual que emanara dos *eons*³³. A

²⁹ Êutiques foi um monge de Constantinopla que fundamentou a heresia do monofisismo. Êutiques negava que Cristo, após a sua encarnação, tinha duas naturezas perfeitas. Nasceu por volta do ano de 378 d. C., provavelmente em Constantinopla.

³⁰ O problema da origem do mal foi uma das questões mais tratadas por Santo Agostinho em sua obra *Confissões*, no livro 7.

³¹ A ideia de que o mal vem da matéria também aparece no livro 7 das *Confissões* de Santo Agostinho.

³² Demiurgo é o nome que Platão e seus discípulos davam ao criador e ordenador do mundo, diferente de Deus, pura inteligência. Também é o termo pelo qual Platão, no *Timeu*, designou o “deus fabricante” do Universo.

³³ No Gnosticismo, *eon* é cada uma das entidades emanadas de Deus.

maioria dessas pessoas consideravam Jesus como um Espírito consubstancial ao Pai. A morte e o sofrimento de Jesus não tinham a menor importância para o gnosticismo.

- **Apolinarismo:** Apolinário procurou evitar a separação indevida das duas naturezas de Cristo. Segundo ele, Jesus possuía um corpo humano e uma alma humana, mas o *logos*³⁴ divino estaria no lugar do espírito humano. Esse *logos* dominava, por assim dizer, o corpo e a alma humana. Isso era um erro doutrinário que atacava a humanidade de Cristo. Apolinário ensinava que a pessoa única de Cristo possuía, de fato, um corpo humano, mas não possuía uma mente ou um espírito humano, isto é, a mente e o espírito de Jesus provinham da natureza divina do Filho de Deus. Ele defendia a divindade de Jesus Cristo, mas a defendia sacrificando a sua real humanidade. Apolinário entendia que, em Cristo, a alma divina tomou o lugar da alma humana. Essa teoria nega a integridade da natureza humana de Cristo. Em suma, Jesus não tinha mente humana; o que ele tinha de humano era apenas o corpo e o espírito. O Verbo que se fez carne teria tomado o lugar da mente e, por isso, Cristo não poderia ser um homem perfeito. Segundo essa heresia, Jesus Cristo era constituído de corpo, de verbo e de espírito. Este era o argumento em que se firmava Apolinário para negar a integridade da natureza humana de Cristo. Para ele, Jesus era Deus com uma casca humana. Possuía um tipo de “carne celestial”. Cristo não teria recebido sua natureza humana, sua carne, da Virgem Maria. O ventre de Maria teria servido apenas como um local de passagem.

- **Docetismo:** Ao término do século I, Marcião e os gnósticos ensinavam que Cristo apenas parecia ser humano, mas era, na verdade, uma espécie de espírito ou, em outras palavras, um fantasma. Ensinavam também que o sofrimento e a morte de Jesus não passavam de meras aparências (daí é que vem o nome dessa heresia, “Docetismo”, do grego *dokeo*, que significa parecer ou aparentar). Os docetas acreditavam que o sofrimento e a morte de Cristo eram incompatíveis para com a sua divindade. Essa heresia desafia não só a realidade da encarnação de Jesus, mas também, por assim dizer, a validade do sacrifício e da ressurreição corpórea. Para um doceta, Cristo não foi totalmente encarnado na carne, porque a matéria seria intrinsecamente má. O apóstolo João foi uma das pessoas que mais combateu heresias desse tipo, tanto em sua escrita do Evangelho como em suas cartas. No Evangelho segundo João, podemos ver claramente uma determinada declaração da divindade de Cristo no trecho que diz “[...] e o Verbo era Deus” (João 1, 1), enquanto em outro trecho, do mesmo capítulo, podemos ver também uma clara declaração da humanidade perfeita de Jesus: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós [...]” (João 1, 14). Na sua primeira carta, João alertou sobre os falsos profetas que, no espírito do anticristo, negavam que Jesus Cristo veio em carne:

Amados, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. Nisto reconheceis o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus; e todo espírito que

³⁴ *Logos* é um termo que tem mais de um significado na filosofia, mas aqui neste trabalho tomaremos esse termo de acordo com o nosso principal foco.

não confessa Jesus não é de Deus; é este o espírito do Anticristo. Dele ouvistes dizer que ele virá; e agora ele já está no mundo.³⁵

Um pouco mais tarde, João repete esse mesmo alerta com a mesma severidade na condenação, isto é, afirmando que quem não confessa que Cristo veio até nós em carne, este é aquele que seduz e o anticristo: “Porque muitos sedutores que não confessam a Jesus Cristo encarnado espalharam-se pelo mundo. Este é o Sedutor, o Anticristo” (2Jo, versículo 7).

A Igreja combateu essas e outras heresias em diversos momentos da história, como, por exemplo, nos Concílios de Niceia (que ocorreu por volta do ano 325 d.C.), Calcedônia (que ocorreu por volta do ano 451 d.C.) e Constantinopla (que ocorreu por volta do ano 381 d.C.).

Muitos foram os erros cometidos a respeito desse assunto (divindade e humanidade de Cristo), mas só uma coisa é certa, a saber, que Jesus Cristo é uma só pessoa, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, que possui duas naturezas (divina e humana), inconfundíveis e imutáveis, inseparáveis e indivisíveis, nas quais permanecem intactos, em cada uma delas, seus respectivos atributos.

Tudo o que vimos até agora neste segundo capítulo, ou, pelo menos, a maior parte, foram os principais pontos que estruturam e desenvolvem a doutrina da União Hipostática, que é, por assim dizer, um certo mistério para a compreensão humana.

E tendo como base todo o conteúdo visto até agora neste trabalho, podemos afirmar sem dúvidas que a definição que Boécio dá ao conceito de pessoa (substância individual de natureza racional) pode ser aplicada em Jesus Cristo, pois ele é, de fato, uma substância individual de natureza racional. Mas Cristo, dentro dessa definição boeciana, não é pessoa enquanto homem, porque a sua natureza humana não é eterna, mas sim temporal; Cristo é pessoa somente enquanto divino, pois a sua natureza divina é eterna. E se Jesus Cristo é uma pessoa, isto é, uma substância individual de natureza racional, ele também pode ser uma Hipóstase. O significado do conceito Hipóstase é um assunto que diz respeito ao terceiro capítulo desta monografia. Portanto, passemos agora para o próximo capítulo deste trabalho onde vamos tratar, de uma maneira mais aprofundada, a respeito deste mesmo conceito.

³⁵ 1Jo 4, 1-3

Capítulo 3

Hipóstase

No primeiro capítulo deste trabalho vimos todos os aspectos filosóficos que dizem respeito à definição que Boécio dá ao conceito de pessoa; já no segundo capítulo vimos como este mesmo conceito é, por assim dizer, aplicado em Jesus Cristo, analisando as suas duas naturezas (divina e humana). Agora vamos analisar o termo Hipóstase³⁶, que é um conceito que tem estrita ligação com o conceito de pessoa trabalhado por Boécio.

3.1 O que é uma hipóstase

O termo hipóstase é de origem grega e pode se referir à natureza de algo ou à uma instância em particular daquela natureza. Nos séculos III e IV, durante as controvérsias cristológicas e trinitárias, o segundo significado prevaleceu. O conceito passou a ser considerado como um sinônimo da palavra latina *persona* (pessoa) que, como vimos no capítulo 1, trata-se de um indivíduo de uma natureza racional. A partir do século IV o conceito de hipóstase passou a ser contrastado com o termo *ousia*, como significando “realidade individual” dentro dos contextos cristológicos e trinitários. Segundo Plotino, Deus se deriva em três hipóstases, a saber: *Uno*, *nous* (inteligência) e *alma*. Podemos dizer que a tradução latina para o termo hipóstase é “substância”, que foi usada pela tradição filosófica como um significado completamente diferente do que o utilizado por Plotino. Na contemporaneidade o termo hipóstase às vezes é utilizado de uma maneira pejorativa. Assim, acaba por indicar a transformação de um ser em um ente. Vejamos um exemplo disso, segundo Jean-Paul Sartre em sua obra *Crítica da Razão Dialética*:

Para alguns, a Filosofia aparece como um meio homogêneo: os pensamentos nascem e morrem nele, os sistemas nele se edificam para nele desmoronar. Outros consideram-na como uma certa atitude cuja adoção estaria sempre ao alcance de nossa liberdade. Ainda para outros, é vista como determinado setor da cultura. Em nossa opinião, a Filosofia não existe; sob qualquer forma que seja considerada, essa

³⁶ HIPÓSTASE: (1) Do grego *hypo*, sub, debaixo, e *stasis*, o que está, o subposto; o suporte. É o termo que se emprega para indicar a *subsistência*, a *sistência* que está *sob*. É um conceito metafísico, que afirma que a substância é “possuidora de si mesma”, cuja presença tem um *ubi* intrínseco, que é subsistente em seu ser (SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. 3. ed. São Paulo: Matese, 1965.). (2) Para os escolásticos, particularmente Tomás de Aquino, as hipóstases são as substâncias individuais e primeiras: as três pessoas da Trindade são consideradas como substancialmente distintas; a união hipostática é aquela realizada por essas três pessoas num só Deus. Por extensão, e num sentido bastante pejorativo, a hipóstase passou a designar uma entidade fictícia falsamente considerada como uma realidade que existe fora do pensamento. Exemplo: hipostasiar um conceito (JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.).

sombra da ciência, essa eminência parada da humanidade não passa de uma abstração *hipostasiada*. De fato, existem várias filosofias. Ou melhor – porque nunca encontrareis, em determinado momento mais do que uma que seja viva –, em certas circunstâncias bem definidas, uma filosofia se constitui para dar expressão ao movimento geral da sociedade; e, enquanto vive, é ela que serve de meio cultural aos contemporâneos. Esse objeto desconcertante apresenta-se, simultaneamente sob aspectos profundamente distintos, cuja unificação opera constantemente.³⁷

Nesse trecho, apenas para que possamos entender um pouco melhor – pois esse não é o foco deste capítulo –, Sartre nos mostra como a ideia de uma filosofia, na verdade, só existe em nossa mente. A história demonstra que cada período possui, por assim dizer, a sua própria filosofia, não podendo, portanto, unificar todas elas em uma única filosofia. Voltemos agora à nossa discussão a respeito do conceito de hipóstase.

Na teologia cristã, mais especificamente nos concílios ecumênicos, a terminologia do termo hipóstase foi, de certo modo, clarificada e padronizada para que a “fórmula” três hipóstases (pessoas) em uma ousia (essência) fosse aceita como uma espécie de síntese da doutrina ortodoxa sobre a Trindade: de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três hipóstases diferentes, porém em uma única divindade. De certa maneira, podemos dizer que essa padronização do termo, para ser utilizado na definição ortodoxa de Trindade, foi feita principalmente através de uma influência dos Padres Capadóci³⁸. Porém, este consenso não foi alcançado facilmente, pois alguns teólogos do ocidente traduziam *hypostasis* como *sub-stantia* (substância) e entendiam que os teólogos orientais, quando os mesmos falavam de três hipóstases na divindade, estariam falando conseqüentemente de três substâncias, gerando, assim, um certo desentendimento com acusações de um “triteísmo”³⁹. Do século IV em diante a palavra hipóstase passou a ser contrastada com ousia e utilizada para significar realidade individual, especialmente dentro dos contextos trinitários e cristológicos, pois essa palavra também é utilizada para se referir à divindade de Jesus Cristo na chamada união hipostática – que vimos no segundo capítulo – de suas duas naturezas (divina e humana) em uma única hipóstase (pessoa).

No cristianismo primitivo o termo é usado para denotar o ser ou a realidade substantiva. E nem sempre é possível distinguir o seu significado do da palavra ousia. O

³⁷ *Crítica da Razão Dialética*, JEAN-PAUL SARTRE

³⁸ Os Padres Capadóci³⁸ (da Capadócia) promoveram a teologia cristã católica e são muito respeitados nas igrejas ocidentais e orientais como santos. Eles viveram por volta do século IV de um modo monástico, liderados pela Abadessa e Santa Macrina, a jovem, que forneceu um local central para seus irmãos estudarem e meditarem, e também para proporcionar um refúgio de paz para a sua mãe. Macrina promoveu a educação e o desenvolvimento de três homens que se tornaram bispos e são coletivamente designados como os Padres da Capadócia; *Basílio de Cesareia*, *Gregório de Níssa* e *Pedro de Sebaste*. Esses estudiosos, juntamente com um amigo próximo, *Gregório Nazianzeno*, fizeram contribuições importantes para a definição dogmática da Trindade finalizada no primeiro Concílio de Constantinopla, em 381 d.C..

³⁹ O *triteísmo* é um conceito que diz respeito à doutrina cristã da Trindade (cristianismo) que às vezes é vista por muitos como uma espécie de politeísmo. Visa Deus como “três Deuses” iguais e distintos.

conceito de hipóstase foi utilizado dessa maneira por Orígenes de Alexandria⁴⁰ e, também, em uma parte do Credo de Niceia (325 d.C.), antes de ser revisado em Constantinopla no ano de 381 d.C..⁴¹

Passemos agora para o próximo ponto deste capítulo.

3.2 A ligação que há entre o conceito de pessoa e o conceito de hipóstase

Como vimos no tópico anterior, o conceito de hipóstase tem uma certa ligação com o conceito de pessoa. Segundo Boécio, os Gregos davam o nome de hipóstase a toda substância que fosse individual e de natureza racional, pois para eles, pela própria significação da palavra *hypóstasis*, ela pode exprimir qualquer indivíduo substancial; mas, usualmente falando, ela veio à significar o indivíduo de natureza racional justamente por causa da excelência dessa natureza. Isto é, significado pelo nome de pessoa. Portanto, hipóstase seria o mesmo que pessoa.

Cristo é uma das três pessoas da Trindade, logo, podemos dizer também de que ele é uma subsistência, pois pessoa e subsistência significam o mesmo, por assim dizer. Se em Deus há três pessoas e, conseqüentemente, três subsistências, podemos dizer também de que há em Deus três hipóstases. Porém, como o nome de substância, que pela sua significação própria corresponde ao conceito de hipóstase, houve um uso

⁴⁰ *Orígenes de Alexandria* foi um teólogo, filósofo neoplatônico patrístico e é um dos padres gregos. Foi um prolífico escritor cristão, de grande erudição, ligado à Escola Catequética de Alexandria, no período pré-niceno.

⁴¹ “Cremos em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, unigênito do Pai, da substância do Pai; Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai; por quem foram criadas todas as coisas que estão no céu ou na terra. O qual por nós homens e para nossa salvação, desceu (do céu), se encarnou e se fez homem. Padeceu e ao terceiro dia ressuscitou e subiu ao céu. Ele virá novamente para julgar os vivos e os mortos. E (cremos) no Espírito Santo. E quem quer que diga que houve um tempo em que o Filho de Deus não existia, ou que antes que fosse gerado ele não existia, ou que ele foi criado daquilo que não existia, ou que ele é de uma substância ou essência diferente (do Pai), ou que ele é uma criatura, ou sujeito à mudança ou transformação, todos os que falem assim, são anatemizados (excomungados) pela Igreja Católica e Apostólica.”

equivocado do termo, ou seja, em um momento significando como essência e em outro momento significando como hipóstase; assim, foi preferível, para que não houvesse mais equívocos em relação a isso, traduzir hipóstase por substância e não por substância.

Para Boécio, a ousia (essência) é um composto de matéria e forma. O indivíduo substancial, que é uma hipóstase (pessoa), é composto de matéria e forma. Portanto, todos os conceitos referidos acima parecem significar o mesmo. Mas, aqui, a essência é significada pela definição e abrange os princípios específicos, e não os individuais. Logo, nos seres que são compostos por matéria e forma, a essência significa não apenas a forma ou a matéria, mas também o composto da matéria e da forma comum como, por exemplo, princípios da espécie. O composto de tal matéria e de tal forma é, por natureza, hipóstase e pessoa. Assim sendo, a alma, a carne, os ossos, etc são da essência do ser humano, mas tal alma, tal carne e tais ossos são da essência de tal ser humano. Em suma, hipóstase e pessoa acrescentam à noção de essência a noção de princípios individuais; não são o mesmo que a essência nos compostos de matéria e forma quando se trata da simplicidade divina.

Em contrário, segundo alguns, os gêneros e as espécies apenas subsistem; porém, os indivíduos não somente subsistem, mas também substão. “Ora, como de subsistir deriva a palavra substância; de substar, as substâncias ou hipóstases. Ora, como ser hipóstase ou pessoa não convém aos gêneros e às espécies, a hipóstase ou pessoa não é o mesmo que substância”⁴². No *Contra Êutiques e Nestório*, Boécio diz que os gêneros e as espécies subsistem enquanto que a alguns indivíduos é próprio o subsistir justamente pelo fato de estarem compreendidos em gêneros e espécies inclusos na categoria da substância. “E não que as próprias espécies ou gêneros subsistam, exceto segundo a opinião de Platão, que admitia subsistirem as espécies das coisas separadamente dos indivíduos”⁴³. Substar é próprio aos mesmos indivíduos, em relação aos acidentes, que se encontram fora das ideias de gênero e de espécie.

O filósofo romano também nos diz, em seu tratado (mais especificamente, no *Contra Êutiques e Nestório*), de que a hipóstase também pode ser chamada de matéria, mas a *ousiosis* (substância) se chama de forma. Nem a forma e nem a matéria podem ser chamadas de pessoas. Logo, pessoa seria algo diferente da hipóstase e da substância. O indivíduo que é, por assim dizer, composto de matéria e forma pode substar em relação ao acidente pela propriedade da matéria; por essa razão, Boécio afirma de que uma forma simples não pode ser um sujeito. Se subsistir por si será pela propriedade de sua forma, que não se acrescenta à coisa subsistente, mas dá o ser atual à matéria, de modo a poder, dessa maneira, subsistir o indivíduo. Por causa disso, ele⁴⁴ atribui a hipóstase à matéria e a *ousiosis* (substância) à forma, porque a matéria é o princípio do substar e a forma é o princípio do subsistir.

⁴² *ST I*, q. 29, a. 2, Tomás de Aquino

⁴³ *ST I*, q. 29, a. 2, Tomás de Aquino

⁴⁴ Boécio

Em suma, para concluirmos o segundo ponto deste capítulo, pode-se empregar em dois sentidos a palavra substância. Por um lado, de certo modo, ela pode ser empregada para significar a *quiddidade da coisa*, que é expressa pela definição, e, por isso, podemos dizer que a definição exprime a substância da coisa; e que a essa substância os Gregos chamam de *ousia* (essência). Por outro lado, chama-se também de substância ao sujeito, ou suposto, que subsiste no gênero da substância. “E este, em aceção comum, pode receber o nome significativo da intenção; e assim, se chama suposto”⁴⁵. Pode também receber os três nomes que são significativos da coisa, a saber: “ser de natureza, subsistência e hipóstase, conforme ao tríptico aspecto da substância na aceção presente”⁴⁶. Desse modo, enquanto existente por si chama-se subsistência, pois subsistem por si as coisas que são existentes, não em outro ser, mas em si mesmas. Enquanto é o suposto de alguma natureza comum, chamamos de ser de natureza, por exemplo: este homem é um ser de natureza. “E enquanto é o suposto dos acidentes, chamamos de hipóstase ou substância. Porém, o que esses três nomes significam comumente em todo o gênero das substâncias, o nome de pessoa significa no gênero das substâncias racionais”⁴⁷. Vamos agora para o terceiro e último ponto deste capítulo.

3.3 Cristo é uma pessoa e uma hipóstase

Até o momento, nesta monografia, vimos a respeito do conceito de pessoa – segundo Boécio – e também vimos a respeito do conceito de hipóstase. Ambos os conceitos tem uma estrita ligação entre si, como pudemos ver no segundo ponto deste capítulo. E tendo estas perspectivas como base, se Jesus Cristo é pessoa (de acordo com a definição de Boécio), logo, conseqüentemente, ele também é uma hipóstase. Mas Cristo não pode ser uma pessoa, e hipóstase, enquanto considerado apenas em sua natureza humana, pois a mesma é temporal nele, isto é, nem sempre a natureza humana esteve com Jesus; em um certo momento da história, por assim dizer, Cristo assumiu a natureza humana. Para que ele pudesse ser considerado como uma pessoa (substância individual de natureza racional) e como uma hipóstase, apenas como homem, a sua natureza humana não deveria ser assumida, mas sim, de certo modo, substancial. Logo, Cristo só pode ser considerado como pessoa e hipóstase apenas enquanto divino, pois a sua natureza divina é substancial e não assumida. Mas isso não implica em dizer que Jesus não é homem.

Aqui, é interessante analisarmos a seguinte citação que Tomás de Aquino faz na resposta à segunda objeção, da primeira parte da Suma Teológica, questão 29, artigo 1:

Segundo alguns, a substância entra na definição de pessoa como substância primeira, que é a hipóstase. Mas nem por isso é supérfluo acrescentar-se individual. Pois, o nome de hipóstase, ou substância primeira exclui noção de universal e de parte; assim, não dizemos que

⁴⁵ *ST I, q. 29, a. 2*, Tomás de Aquino

⁴⁶ *ST I, q. 29, a. 2*, Tomás de Aquino

⁴⁷ *ST I, q. 29, a. 2*, Tomás de Aquino

o homem, em geral, seja hipóstase, nem da mão, que é parte; mas, acrescentando-se individual, exclui-se da pessoa a ideia de assumível; porque a natureza humana, em Cristo, não é pessoa, por ter sido recebida por um ser mais digno, a saber, pelo Verbo de Deus. Mas melhor será dizer, que a palavra substância é usada em sentido geral e se divide em primeira e segunda; e, acrescentando-se-lhe individual, ela usurpa as funções de substância primeira.⁴⁸

Tomás de Aquino escreve essa resposta à segunda objeção para afirmar alguns aspectos importantes do conceito de pessoa, trabalhado por Boécio, isto é, Tomás irá afirmar de que a definição de pessoa (substância individual de natureza racional) é uma definição correta. Mas também é possível notar que ele afirma de que pessoa não pode ser algo assumido. Em outras palavras, como já foi adiantado anteriormente, o Verbo de Deus, Jesus Cristo, não pode ser considerado pessoa – e hipóstase – enquanto considerado apenas em sua natureza humana, pois a mesma foi assumida por ele; é parte integrante, por assim dizer, e não um todo. Cristo só será pessoa enquanto considerado apenas em sua natureza divina, pois a mesma não foi assumida por ele. A natureza divina de Jesus sempre esteve com ele.

A princípio, parece que não devemos aplicar a Jesus o nome de pessoa, pois, de certa maneira, não podemos dizer e nem pensar nada a respeito da divindade oculta, exceto o que nos foi revelado pela Sagrada Escritura. O nome de pessoa não nos é expresso nos textos bíblicos, nem no Novo Testamento nem no Antigo Testamento. Logo, poder-se-ia dizer que não se deve aplicar a Cristo o nome de pessoa e, também, poder-se-ia dizer que não se deve aplicar a Cristo o nome de hipóstase. Mas embora a Sagrada Escritura não aplique a Jesus o nome de pessoa e o nome de hipóstase, contudo, o que esses nomes significam podemos muitas vezes encontrar na mesma, aplicados a Jesus enquanto Deus, como, por exemplo, que ele é, por excelência, o ser existente por si mesmo e perfeitamente inteligente. Pois, se a Jesus apenas devêssemos aplicar as palavras que dele se diz na Sagrada Escritura, nós nunca poderíamos falar de Cristo em uma linguagem diferente daquela em que primeiro foi transmitida nos textos do Antigo e do Novo Testamento. De uma maneira geral, foi a necessidade de vencer a “disputa” com os heréticos que levou a fé antiga a buscar, de uma maneira não profana, novos nomes que pudessem ser aplicados a Jesus, que é Deus.

No *Contra Êutiques e Nestório*, Boécio nos diz que o nome de pessoa teve sua origem através das pessoas que representavam certos homens nas comédias e nas tragédias. Os gregos, porém, chamavam a tais pessoas de *prósopa* (máscaras) pelo fato de se colocarem na face e, estando diante dos olhos, ocultarem o rosto. Mas nesse sentido, o nome de pessoa talvez só possa convir a Jesus metaforicamente. Portanto, aplicar-se-ia esse nome a Cristo apenas metaforicamente. Mas embora o nome de pessoa não convenha a Jesus, considerando apenas a origem desse nome, contudo, convém-lhe pelo seu conteúdo. Pois, pelo fato de certos homens serem representados nas comédias e nas tragédias, veio a usar-se o nome de pessoa para significar os homens revestidos de uma certa dignidade; é daí o costume de se chamarem pessoas aos que têm

⁴⁸ *ST I*, q. 29, a. 1, Tomás de Aquino

alguma dignidade nas igrejas. Por essa razão, alguns definem como pessoa a hipóstase que tem propriedade distinta pertencente à dignidade. E como é digno o subsistir em a natureza racional, por isso se chama de pessoa a todo indivíduo de natureza racional, como vimos anteriormente. Ora, a dignidade da natureza divina, que ultrapassa qualquer outra dignidade, também, tendo essa discussão como base, convém a Jesus Cristo o nome de pessoa, por excelência.

Como sabemos, toda pessoa é uma hipóstase. A princípio o nome de hipóstase parece não convir a Jesus, pois, segundo Boécio, ela é o que “substá” em relação aos acidentes, que em Cristo (Deus) não existem. Logo, o nome de hipóstase não deveria ser aplicado a Jesus. O termo hipóstase, considerando a causa que deu origem ao mesmo, realmente não convém a Jesus Cristo, porque não se trata de substância de acidentes. Mas esse termo lhe convém se considerarmos o seu conteúdo, pois foi imposto para significar um ser subsistente.

Como se costuma dizer, o que não convém a uma definição também não convém à mesma o definido. Para muitos as definições de pessoa e de hipóstase pareciam não convir a Jesus. Quer por importar a razão o conhecimento discursivo, que, não convindo a Cristo, como se demonstrava, Jesus Cristo não poderia ser dito de natureza racional. Quer também, porque Jesus não se pode chamar de substância individual; pois, de um lado, o princípio de individuação é a matéria e Cristo (Deus) é imaterial; e, de outro lado, Jesus, não “substando” aos acidentes, não se pode chamar de substância. Logo, os nomes de pessoa e de hipóstase não deveriam ser aplicados a Cristo. Mas Jesus pode chamar-se de natureza racional enquanto razão não implica discurso, mas a natureza intelectual em geral. Mas ser indivíduo realmente não poderia convir a Cristo considerada a matéria como princípio de individuação, senão somente enquanto implica a incomunicabilidade. A substância, porém, convém a Jesus Cristo por significar ela o que existe por si. Contudo, alguns dizem que a definição de Boécio (substância individual de natureza racional) não é a definição de pessoa no sentido em que dizemos ter pessoas em Deus, na Trindade. Pessoa, quando se trata de Deus, é a existência incomunicável da natureza divina.

Em suma, pessoa significa o que há de mais perfeito de toda a natureza; é o que subsiste em a natureza racional. De onde como se devem atribuir a Deus todas as perfeições, pois a sua essência contém todas as outras, devemos aplicar-lhe os nomes de pessoa e de hipóstase. Não, porém, do mesmo modo pelo qual os aplicamos às criaturas, mas sim de um modo mais elevado, por assim dizer, como se dá com os outros nomes impostos às criaturas e atribuídos a Deus, conforme demonstravam quando tratavam dos nomes divinos. E, para encerrar este capítulo, faço minhas, por um instante, as palavras de Atanásio⁴⁹ quando ele diz que “uma é a pessoa do Pai, outra a do Filho e outra a do Espírito”. Jesus Cristo é pessoa e, também, uma hipóstase.

⁴⁹ Atanásio foi o vigésimo arcebispo de Alexandria. Seu episcopado durou 45 anos (de 8 de junho de 296 à 2 de maio de 373), dos quais dezessete ele passou exilado, em cinco ocasiões diferentes e por ordem de quatro diferentes imperadores romanos. Atanásio também foi um importante teólogo cristão, um dos padres da igreja, o principal defensor do trinitarismo contra o arianismo e um grande líder da comunidade de Alexandria no século IV. Em 325, aos 27 anos de idade, começou a luta contra os arianos como assistente de seu arcebispo, Alexandre, no Concílio de Nicéia, convocado pelo imperador Constantino I

Considerações finais

Tendo chegado ao fim de toda a exposição que fora apresentada até o momento neste trabalho e observando o caminho que percorremos até aqui ao longo destes três capítulos, podemos ver como Boécio articula o seu pensamento para chegar a uma definição para o conceito de pessoa. Vimos que pessoa trata-se de uma substância individual de natureza racional. Substância, porque não é acidente; individual, porque só pode ser encontrada nos particulares e não nos universais; e, enfim, de natureza racional, porque a sua natureza, ou seja, a diferença específica que contém, é a racionalidade.

No segundo capítulo pudemos perceber que esse mesmo conceito de pessoa, de acordo com a definição dada por Boécio, pode ser e é aplicado a Jesus Cristo levando em consideração de que ele possui duas naturezas.

E, dentro da discussão das duas naturezas de Cristo, vimos a importância da doutrina da União Hipostática, que é definida pela existência de duas naturezas em Jesus Cristo (divina e humana) que não se misturam e nem se alteram; não se separam e nem se dividem, compondo e estabelecendo, assim, uma só pessoa e uma só substância, eternamente. Em linhas gerais, pudemos afirmar, de certo modo, sem qualquer tipo de dúvida, que Jesus é totalmente Deus e totalmente homem. Mas nem sempre essa questão das duas naturezas de Cristo foi bem aceita, ou seja, ao longo da história surgiram várias heresias acerca desse assunto, como, por exemplo, o *Arianismo*, o *Gnosticismo*, entre outras heresias que vimos no segundo capítulo desta monografia. E todas aquelas heresias, como já foi dito, têm algo em comum que é atacar, de algum modo, ou a natureza humana, ou a natureza divina ou ambas as naturezas de Jesus.

Afirmamos que a definição de pessoa (substância individual de natureza racional) pode ser aplicada em Jesus Cristo, pois ele é uma substância individual de natureza racional. Mas Cristo não pode ser pessoa enquanto homem, pois a sua natureza humana não é substancial, isto é, ela foi assumida por ele em sua encarnação; Cristo é pessoa apenas enquanto divino, pois a sua natureza divina é substancial. E, se Jesus Cristo é uma pessoa, ele também pode ser uma hipóstase. E para que possa ser considerado como uma hipóstase, também não pode haver natureza assumida, como vimos anteriormente.

O termo hipóstase é um termo de origem grega e pode se referir à natureza de algo ou à uma instância em particular daquela natureza. Na teologia cristã a terminologia do termo hipóstase foi clarificada e padronizada para que a “fórmula” três hipóstases em uma ousia fosse aceita como uma espécie de síntese da doutrina ortodoxa sobre a Trindade: de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três hipóstases diferentes, porém em uma única divindade.

entre maio e agosto de 325 para tratar da tese ariana de que o Filho de Deus, Jesus Cristo, e Deus Pai seriam de substâncias (*ousia*) diferentes. Três anos depois de *Nicéia*, *Atanásio* sucedeu ao seu mentor como arcebispo.

Como vimos, há uma estrita ligação entre o conceito de pessoa e o conceito de hipóstase. Os Gregos davam o nome de hipóstase a toda substância que fosse individual e de natureza racional, pois, para eles, pela própria significação da palavra *hypóstasis*, ela pode exprimir qualquer indivíduo substancial; mas ela veio à significar o indivíduo de natureza racional justamente por causa da excelência dessa natureza. Isto é, significado pelo nome de pessoa. Portanto, hipóstase seria o mesmo que pessoa. E se hipóstase seria o mesmo que pessoa, e Jesus Cristo é uma pessoa, logo, ele também seria uma hipóstase.

No decorrer de todo o nosso percurso, percebemos que Jesus Cristo não pode ser concebido possuindo uma certa unicidade de naturezas, nem sendo duas pessoas. O Verbo de Deus encarnado consiste em duas naturezas em uma única pessoa. E este foi, de um modo geral, o principal objetivo deste trabalho, isto é, buscar demonstrar, à luz da filosofia de Boécio, que Jesus Cristo é uma única pessoa (substância individual de natureza racional), mas que possui duas naturezas (divina e humana); sendo uma eterna – divina - enquanto a outra é temporal – humana -, pois a mesma foi assumida por ele em um determinado momento da história.

Referências bibliográficas

BOÉCIO. **Escritos (Opuscula Sacra)**. Tradução de Juvenal Savian Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Vol. II. Tradução de Giovanni Reale. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

TOMÁS DE AQUINO. **O ente e a essência**. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Suma Teológica**. Vol. I. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

RYRIE CHARLES C., **Teologia Básica ao Alcance de Todos**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

FERREIRA, Franklin. MYATT, Alan. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**. Vol. I. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

OLIVEIRA, Raimundo de. **As Grandes Doutrinas da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2010.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LANGSTON, A. B.. **Esboço de Teologia Sistemática**. São Paulo: JUERP, 1994.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tomos I, II e IV. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2001.

BARBOSA, Gabriel Anderson. **O Tratado sobre as duas naturezas de Boécio**. São Paulo: Paulus, 2017.

Bíblia de Jerusalém. 1. ed, 2002. 9. Reimpressão, 2013. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, M. F. dos. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. 3. ed. São Paulo: Matese, 1965.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da Razão Dialética**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.